

O tropeço do 'alter ego'

O mais correto talvez fosse mesmo nem tocar no assunto. Determinadas manifestações — notadamente quando feitas a respeito de temas de desimportância abissal — geralmente merecem mesmo ser relegadas ao plano das irrelevâncias. Mesmo considerando tudo isso, é humanamente impossível ignorar o que foi dito nesta quinta-feira por um ministro de Estado em reunião partidária de boas-vindas a um novo correligionário.

O difícil é abordar o tema sem resvalar pela mesma deselegância que norteou a declaração do homem de governo. Uma possibilidade seria talvez tentarmos analisar onde isso tudo vai parar. O que assusta é a repetição de atitudes que se contrapõem em tudo com a postura que o presidente da República busca imprimir à sua gestão.

O que estariam pensando hoje todos aqueles chefes de Estado e governo que já receberam ou foram recebidos por Fernando Henrique se oportunidade tivessem de tomar contato com a redução de imagem que o homem de confiança do presidente faz daquele que ocupa o mais alto cargo da República?

Certamente hoje não estão pensando nada porque ao Brasil ainda não cabe a importância da repercussão internacional de declarações que são feitas no âmbito interno. Desse ponto de vista, devemos graças a Deus. Do outro, daquele que nos deixa cheios de esperança quanto ao nosso futuro quando podemos assistir a um presidente da República rodopiar mundo sem nos proporcionar um minuto sequer de constrangimento, é lamentável.

O grave é que quem vocaliza a indelicadeza é tido e havido como *alter ego* presidencial. E não deve ser bravata, uma vez que o presidente não desmente. Apenas numa ocasião ensaiou reagir contra o que considerou uma apropriação indébita de suas opiniões. Mas o fez tão sutilmente que a mensagem não foi captada. Foi, por outra, desqualificada.

Não é raro o momento em que as pessoas entendem como inimigos aqueles que sempre foram seus amigos, dedicando-lhes respeito e confiança.

E talvez o presidente, quando deixa esse rio correr sem controle, não esteja sendo verdadeiramente um amigo de fé. É preciso que alguém diga que os personagens que se incorporam ao longo do exercício da política e do poder de quando em vez precisam de adaptação. Sob pena de perderem a credibilidade para atuar em terrenos mais sérios. Quando o *script* começa a carecer de qualidade então, aí mesmo é que se deve perceber que é hora de parar.

**Sobre
presidentes da
República há
coisas que não
se dizem
dentro de casa,
de luz apagada**

Desta vez houve uma referência cuja matriz é ninguém mais ninguém menos do que aquele que ao ocupar a Presidência por quase dois anos nos levou a um vexame internacional que só não foi maior por causa da grandeza da reação. Acabamos qualificados pela capacidade de estancar a infecção antes que sobreviesse a septicemia.

Mas ainda ali, durante aquela nefanda Presidência, a impropriedade de linguagem do próprio presidente conseguiu iniciar um processo de galhofa e desqualificação a respeito de sua figura.

Se a intenção do ministro de Estado é estabelecer uma comunicação direta com o chamado povão usando o que imagina ser um modo cotidiano de expressão, errou.

Há certas coisas que ficam muito bem quando ditas pelo seu Manoel da esquina. Adquirem até alguma graça quando resultado de brincadeiras inconseqüentes. Já se saem da boca de uma autoridade de poder incontestável, tornam-se apenas uma homenagem ao chulo.

Não é necessário que os governantes vistam-se de veludos e punhos de renda, mas é absolutamente primordial que mantenham a postura. Não vale a desculpa de que o que foi dito pertencia à privacidade de uma reunião fechada. A um ministro de Estado não cabe referir-se a um presidente da República daquela forma nem mesmo dentro de casa com a luz apagada.

Os reparos aqui feitos têm na verdade apenas o sentido de uma observação individual, uma vez que evidentemente a esgorregadela não trará nenhuma conseqüência objetiva. Nem junto ao presidente da República, que tem o ministro na mais alta consideração e estima além de julgar que dele não pode prescindir nas articulações mais difíceis.

A opinião pública é possível que ache graça, pois deste mesmo ministro já ouviu outras. Os políticos, esses se tremem diante do poderio do personagem e, publicamente, jamais repetem o que dizem no particular. Se de algum lado escapolem as avaliações que fazem a respeito de sua atuação, imediatamente há um desmentido cinicamente firme.

Mas talvez ajudasse mais se, ao invés de se divertir no anonimato e adular quando diante dele, houvesse um bom amigo que dissesse ao ministro que o poder outorgado pelo voto a outrem não confere a ninguém o direito pleno de fazer e acontecer.